



# ESHOJE



ANOS DE  
ESPÍRITO  
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000  
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 2 de abril de 2026 )) Ano XXV )) Nº 1270  
Edição Gratuita Diário )) [www.eshoje.com.br](http://www.eshoje.com.br)

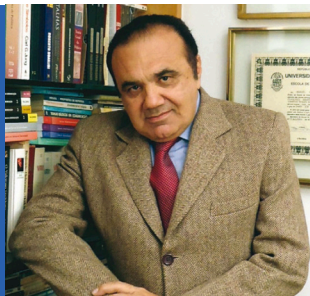
[/eshoje](#) [@eshoje](#) [eshoje](#) [eshoje](#)

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

## ARTIGO

**A polarização continua sendo o eixo estruturante da vida política )) 2**



## CULTURA

**Expografia e cenografia no campo da arte e da cultura )) 4**



# Eleições 2026 mexem com o Poder Executivo estadual

Renato Casagrande renunciou e quem assume é Ricardo Ferraço, político que começou a carreira de mandatos aos 19 anos como vereador de Cachoeiro do Itapemirim )) 3

ARQUIVO ESHOJE



GAUDÊNCIO TORQUATO

# O país do bingo

O Brasil inicia 2026 como se estivesse diante de uma cartela de bingo cívico. A cada semana, uma nova bola é sorteada — e, não raro, repete-se o número que já conhecemos: crise, tensão, incerteza. O cidadão acompanha o sorteio com uma mistura de cansaço e resignação. Não se trata mais de surpresa, mas de rotina.

A polarização continua sendo o eixo estruturante da vida política. Não há debate, há trincheiras. De um lado e de outro, narrativas fechadas, impermeáveis ao diálogo. O adversário deixou de ser apenas opositor; transformou-se em inimigo moral. Nesse ambiente, a política perde densidade programática e ganha contornos de guerra simbólica. O país não discute soluções — disputa versões.

Como se não bastasse, escândalos insistem em frequentar o noticiário. O chamado "Caso Master" soma-se a uma sequência de episódios que envolvem agentes públicos, partidos e instituições. A corrupção, que deveria ser exceção, parece estrutural. Espraia-se como mancha de

óleo, atingindo Executivo, Legislativo e até setores do Judiciário. A percepção social é devastadora: para muitos brasileiros, o sistema não falha — ele funciona assim.

No plano econômico, o cotidiano pesa. A gasolina orbitando a casa dos oito reais não é apenas um número; é símbolo de um custo de vida que comprime a renda e amplia o desalento. A inflação, ainda que tecnicamente sob controle em alguns indicadores, corrói silenciosamente o poder de compra. O carrinho de supermercado encolhe, o orçamento doméstico estica até o limite. E os impostos, elevados e complexos, reforçam a sensação de que o Estado cobra muito e entrega pouco.

O cenário internacional adi-

ciona mais incerteza ao quadro. Guerras e tensões geopolíticas reconfiguram cadeias produtivas, pressionam preços e afetam mercados. O Brasil, inserido nesse tabuleiro, sente os efeitos indiretos: volatilidade cambial, instabilidade nos custos de energia, insegurança para investimentos. Em um mundo em ebulição, a margem de erro das políticas internas diminui.

Diante desse mosaico, o eleitor brasileiro entra em um novo ciclo eleitoral mais desconfiado e, ao mesmo tempo, mais exigente. A velha lógica do voto emocional começa a ceder espaço a um comportamento mais pragmático. Saúde, segurança e economia voltam ao centro da decisão. O cidadão quer respostas concre-

tas, não apenas discursos inflamados. Quer previsibilidade, não espetáculo.

Mas há um paradoxo. Embora mais crítico, o eleitor ainda está imerso em um ambiente informacional contaminado por desinformação, algoritmos e bolhas digitais. A chamada "telecracia" — o poder das telas e das narrativas instantâneas — molda percepções e amplifica ruídos. A verdade disputa espaço com versões, e o julgamento público torna-se cada vez mais apressado.

O Brasil de 2026 é, portanto, um país tensionado entre a descrença e a esperança. Descrença nas instituições, nos líderes, nas promessas reiteradamente descumpridas. Esperança difusa de que algo, em

algum momento, rompa o ciclo. A sociedade parece dizer: "já vimos esse filme", mas continua assistindo, na expectativa de um final diferente.

O desafio maior não é apenas econômico ou político; é civilizatório. Trata-se de reconstruir confiança — ativo invisível, porém essencial. Sem ela, reformas não prosperam, pactos não se sustentam, e a democracia se fragiliza. Com ela, mesmo cenários adversos podem ser enfrentados com coesão.

Enquanto isso, o bingo segue. As bolas continuam a girar no globo transparente da vida nacional. Resta saber se, desta vez, o país terá a lucidez de não apenas marcar números, mas de mudar as regras do jogo.

Vamos construir  
juntos os próximos  
capítulos dessa

HISTÓRIA?



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

**TIRAGEM:** Publicação digital e impressa  
**CIRCULAÇÃO:** Grande Vitória e digital  
**PERIODICIDADE:** Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40.  
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim  
Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110  
Tel. 27 2180-0678  
www.eshoje.com.br  
redacao@eshoje.com.br

**DIRETOR GERAL**  
Carlos Roberto Coutinho  
carlos@eshoje.com.br

**DIRETORA ADMINISTRATIVA**  
Bianca Coutinho  
bianca@eshoje.com.br

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP  
danihcourtinho@eshoje.com.br





**PROJETO GRÁFICO**  
Renon Pena de Sá  
www.ellaform.com.br

**FOTOGRAFIAS**  
Arquivo  
redacao@eshoje.com.br

**DIAGRAMAÇÃO**  
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

**REDAÇÃO**  
Carolina Boueri  
Esthefany Mesquita  
Giulia Reis  
Mariana Cicilioti  
Mary Martins  
Thauane Lima  
Thierry Khalil

**SIGA NOSSAS  
REDES SOCIAIS:**

 /eshoje  
 @eshoje  
 eshoje  
 eshoje

# Ricardo Ferraço tem 43 anos de política capixaba

Desde Gerson Camata, em 1986, o Espírito Santo não vivia a renúncia de um governador

REDAÇÃO MULTIMÍDIA  
jornalismo@eshoje.com.br

DIVULGAÇÃO SECOM-ES

**V**ereador, deputado estadual, deputado federal, senador da República, vice e, a partir de agora, Ricardo Ferraço (MDB) assume a cadeira de governador do Espírito Santo. A posse acontece nesta quinta-feira (2), após Renato Casagrande sair para disputar eleição.

Desde a redemocratização do Brasil, esta é a segunda vez que um governador não conclui o mandato. Gerson Camata, em 14 de maio de 1986, deixou o Palácio Anchieta para concorrer a uma vaga no Senado Federal (eleição que ele venceu, iniciando uma longa trajetória no Congresso). Quem assumiu o governo na ocasião foi o vice, José Moraes.

Aos 62 anos, Ricardo tem mais de anos de cargos políticos com mandato, sendo o primeiro, aos 19 anos, como vereador de Cachoeiro do Itapemirim. Da capital secreta do Brasil, como a cidade do sul capixaba também é conhecida, Ricardo ocupou dois mandatos consecutivos como deputado estadual, chegando a ser presidente da Assembleia Legislativa do Espírito Santo – o 49º da Casa legislativa capixaba.

Na gestão Ricardo Ferraço dois feitos ficaram marcados: obras do atual prédio da Ales, na Enseada do Suá, e a criação da Região Metro-

DIVULGAÇÃO



**“Ricardo fez um mandato (federal) muito forte voltado para a economia do café, para o setor agrícola capixaba”**

João Gualberto, historiador

**Ricardo Ferraço assume o governo e concorrerá a governador - o colocando como candidato à reeleição**



litana da Grande Vitória. Segundo destaca o cientista político, historiador e colunista de ES Hoje, João Gualberto Vasconcelos, os feitos foram em épocas difíceis para o Espírito Santo. “O Estado passava por problemas financeiros. Ricardo recebeu essa missão (...) tão grande e difícil e teve que fazer um grande ajuste na obra, porque a obra era muito mais cara do que o Estado poderia pagar (...). Ele fez os orçamentos, acho que inclusive mudou a consultora que fazia, enfim, foi uma tarefa gigante”, explicou. Além de sanear a obra, Ricardo implementou reformas administrativas que prepararam a estrutura da Assembleia Legislativa para a transição de sedes.

A crise financeira do estado, citada por João Gualberto, testou a capacidade de articulação do então jovem presidente, já que os atrasos de pagamentos dos servidores e dívidas fiscais levaram à criação de diversas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) para investigar as dívidas públicas, sendo uma delas a do Banestes, em 1996.

## IDA A BRASÍLIA

Em 1º de fevereiro de 1999 Ricardo Ferraço assumiu primeiro de seus dois mandatos de deputado federal. Ao concluir período, se des-

taçando como quadro do PSDB, em Brasília teve uma atuação voltada para a articulação de recursos federais para o Espírito Santo, com ênfase em infraestrutura e desenvolvimento econômico regional. Outro esforço do novo governador do ES, ainda como parlamentar, foi a tentativa de levar os benefícios da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) para o sul do Espírito Santo, seu berço eleitoral.

“Fez um mandato muito forte voltado para a economia do café, para o setor agrícola. Isso é muito importante, porque é daí que ele vira secretário de Agricultura mais tarde (...) Inclusive penso que o ponto alto da carreira do Ricardo é como secretário de Agricultura. Foi um excelente gestor e trabalhou muito para o interior, no chamado Caminhos do Campo. Enfim (...) um executivo de alto nível”, analisa João Gualberto.

Após oito anos em Brasília, como deputado federal, Ricardo Ferraço foi vice-governador e secretário de Agricultura, sendo eleito, em 2010, o senador da República com a maior votação da história capixaba: foram 1.557.409 votos. Ferraço é filho do prefeito de Cachoeiro Theodorico Ferraço (PP), que está no 16º mandato eletivo.

## Eleições 2026: o que você precisa saber!

DIVULGAÇÃO



**6 de maio: prazo final para tirar título e mudar local de votação**

Neste sábado, 4 de abril, a seis meses das eleições – 4 de outubro – nenhum governador ou prefeitos que quiserem concorrer a outros cargos, bem como ministros, secretários e membros de autarquias, com cargos por indicação política, pode continuar na cadeira. Por este motivo Renato Casagrande (PSB) saiu e Ricardo assume.

O eleitor também precisa ficar atento aos prazos: até 6 de maio será possível mudar o local de votação e até quem precisa fazer o título de eleitor. Em [eshoje.com.br](http://eshoje.com.br) uma verdadeira cartilha de informações está disponível para que todos saibam os direitos e deveres no processo eleitoral.

# Expografia e cenografia na arquitetura e na arte

Matheus Borges e soluções arquitetônicas que potencializem a relação entre obra e espaço

REDAÇÃO MULTIMÍDIA  
jornalismo@eshoje.com.br

**D**e Tabuezeiro, em Vitória, para o mundo das artes por meio da arquitetura. Essa é a história de Matheus Borges, que atua no desenvolvimento de projetos de expografia e cenografia no campo da arte e da cultura. Sua prática envolve a elaboração de espaços expositivos a partir de demandas curatoriais, técnicas e institucionais, com foco na organização espacial, circulação de público e adequação dos ambientes às obras.

Entre seus trabalhos recentes, participou da exposição Eterno Vulnerável, primeira individual de Castiel Vitorino no Solar dos Abacaxis, 2025. Também integrou equipes em projetos como Dos Brasis (Rio de Janeiro, 2024), Baía de Vitória (2025), Transitar o Tempo (Museu Vale, 2025) e O peso da água, de Jaine Muniz (Galeria Homero Massena, 2025), além de atuar em produções cenográficas em São Paulo em 2026.

Atualmente, desenvolve projetos de exposições e cenografias na interface entre arquitetura e práticas expositivas contemporâneas. Estreou seu primeiro projeto autoral internacional no Inbraza Baile, na Austrália, e atua como pesquisador interessado na relação entre



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Atualmente, Natheus desenvolve projetos de exposições e cenografias na interface entre arquitetura e práticas expositivas contemporâneas

instituição de arte e espaço público, investigando soluções capazes de expandir o museu para além de seus limites físicos.

**ES Hoje: Como se deu sua aproximação com a expografia e a cenografia dentro da arquitetura?**

**Matheus Borges:** Minha aproximação parte de um interesse prévio, já que desde a infância sempre fui interessado por arte. Durante a graduação, estive aberto ao diálogo e ao trabalho em equipe, me envolvendo em projetos com esse viés. A partir do meio do curso, essa inclinação foi se tornando mais clara, à medida que fui atuando nessas experiências e percebendo uma área de atuação diferente do percurso tradicional, entendendo que poderia atuar fora da arquitetura convencional.

**No 'Eterno Vulnerável', quais as principais diretrizes adotadas para o espaço expositivo?**

O projeto expográfico busca traduzir espacialmente a relação entre cura e liberdade, eixo da

prática de Castiel Vitorino Brasileiro. A expografia se constrói como experiência, articulando arquitetura e obras em um percurso que se revela aos poucos. O espaço se constrói progressivamente a partir do deslocamento do visitante. A materialidade - terra, barro, madeira e tecidos - atua como parte ativa da experiência. No centro, a "Meca" funciona como ponto de convergência. No segundo pavimento, a mastaba retoma essa lógica, criando uma relação direta entre obra e visitante. A iluminação combina função expositiva e dimensão cênica, com luz rebatida em tom amarelo-solar, criando uma ambiência quente. A alternância entre obras de grande e pequeno formato constrói diferentes formas de aproximação, enquanto o espaço também é pensado para o registro. No conjunto, o projeto articula forma, matéria e centralidade para construir uma ambiência capaz de abrigar o eterno e vulnerável.

**Como você articula as demandas curatoriais com as soluções arquitetônicas?**

Parto de uma escuta ativa das demandas curatoriais, buscando entender as intenções da exposição. A partir disso, traduzo essas diretrizes em soluções arquitetônicas viáveis que potencializem a relação entre obra e espaço. Esse processo envolve decisões de implantação, materialidade, iluminação e percurso, construindo coerência entre conceito e experiência.

**Como sua atuação foi de que forma a participação em projetos como 'Dos Brasis' e 'Baía de Vitória' contribuiu para sua atuação?**

Esses projetos foram fundamentais para meu desenvolvimento. Em Dos Brasis, tive minha primeira experiência fora do estado, integrando a equipe do Estúdio Sava no Rio de Janeiro e participando do processo completo de uma grande exposição, o que me deu um repertório técnico-projetual mais alinhado ao que eu queria realizar posteriormente como na equipe de arquitetura da exposição Transitar o Tempo - Mu-

seu vale. Em Baía de Vitória, com a DAUS Arquitetura, atuei em uma exposição de grande porte no Espírito Santo com mais maturidade. Essas experiências ampliaram minha atuação, permitindo trabalhar em diferentes contextos e abrir possibilidades de colaboração internacional.

**Quais são os novos desafios e projetos que orientam sua atuação recente?**

Um dos principais desafios é o equilíbrio entre tempo e qualidade, especialmente na cenografia, onde os projetos exigem soluções rápidas, precisas e adaptáveis. Atualmente, atuo em projetos de exposições, atuações para marcas e arquitetura comercial com abordagem criativa, em diferentes etapas, da concepção à montagem. Transitar entre esses contextos exige lidar com diferentes demandas e linguagens. Também busco manter um olhar atento ao que acontece no campo da arte e em outras áreas, entendendo que esse repertório qualifica as soluções que proponho.



“A expografia se constrói como experiência, articulando arquitetura e obras em um percurso que se revela aos poucos”